

O STRESSE PROFISSIONAL DOS ENFERMEIROS

José Manuel Santos

Mestre Assistente

Escola Superior de Saúde – UFP

jmsantos@ufp.edu.pt

Zélia Teixeira

Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP

zelia@ufp.edu.pt

RESUMO

Era objectivo do estudo saber quais as situações do quotidiano profissional dos enfermeiros que mais frequentemente são sentidas como stressantes, concluindo-se que são as relacionadas com “a morte e o morrer”. Seguem-se-lhe as associadas à “carga de trabalho”, à “incerteza quanto aos tratamentos”, à “preparação inadequada para lidar com as necessidades emocionais dos doentes e dos seus familiares”, aos “conflitos com os médicos”, aos “conflitos com outros enfermeiros e com os chefes, e à “falta de apoio dos colegas”.

PALAVRAS-CHAVE

Stresse, Enfermagem

ABSTRACT

The main goal of the study was to know which everyday work situations are more often perceived as stressful by nurses. The results shows that the death and dying situations are the factors most disturbing, followed by the overwork, the uncertainty about the treatments results, the lack of preparation to provide support to the patient and family's emotional needs, the conflicts with physicians, chiefs nursing and other colleagues, and the lack of support.

KEYWORDS

Stress, Nursing.

1. INTRODUÇÃO

Se fosse atribuído um prémio ao possível culpado pela maior parte das desgraças pessoais, especialmente as relacionadas com a saúde, certamente que o stress seria um destacado candidato. O stress tem sido apontado como responsável por aspectos tão variados como “a primeira úlcera gástrica do moderno executivo”, “o acidente de automóvel de certa personalidade”, “o fraco rendimento da figura do desporto no campo de jogo”, “a incapacidade de uma pessoa para ter prazer sexual” ou “a inexplicável depressão da cantora da moda”. É verdade que em muitos casos não está esclarecido como é possível que o stress produza esses efeitos ou afecte de maneira tão decisiva a vida das pessoas. Não obstante, reina generalizadamente a ideia, tácita ou explícita, de que o stress é o principal responsável pela maior parte dos males das pessoas (Labrador, 1992).

1.1. O STRESSE

O stress é reconhecido mundialmente como um desafio *major* tanto para a saúde dos trabalhadores como para a saúde das organizações (Leka, Griffiths e Cox, 2003).

Cada vez mais se recorre à palavra stress, associada a sensações de desconforto, e é cada vez maior o número de pessoas que se definem como “stressadas” ou que se referem a outros indivíduos na mesma situação. Costuma dizer-se que a situação está cada vez pior porque a sociedade actual gera cada vez mais stress e portanto provoca uma progressiva diminuição da qualidade de vida. É isto realmente verdade? É o stress assim tão negativo? Estaremos todos condenados a viver cada vez pior por sua causa?

Para Labrador (1992), é verdade que se associam ao stress muitos aspectos negativos, mas isso não quer dizer que o stress seja em si algo a extirpar da nossa vida a qualquer preço e seja de que maneira for. O stress, como o sal, em quantidades e condições adequadas, não apenas não é mau mas é necessário e pode ser decisivo ou, pelo menos, muito importante para que se tenha uma vida satisfatória. Já um excesso de stress, como de sal, pode ser desagradável ou mesmo biologicamente nefasto.

A realidade não é tão simples e muito menos tão negativa. A visão contemporânea do stress é de que a sua existência não é automaticamente má ou que deva ser evitada a todo o custo. Selye (*cit. in* Hespagnol, 2005), distingue dois tipos de stress: o “eustress”, enquanto força poderosa que acrescenta excitação e desafio às nossas vidas, que propicia a felicidade, a saúde e a longevidade; e o “distress”, que ocorre quando existe uma tensão não aliviada, que conduz à destruição, à doença e à morte prematura.

É possível que as actuais condições de vida provoquem nas pessoas grandes reacções de stress, reacções que são provavelmente diferentes das que o stress causou noutras épocas, mas dificilmente se poderá dizer que são maiores ou menores. As investigações sobre o stress concordam em afirmar que a maneira como percebemos, interpretamos e procuramos fazer frente a estas situações é mais importante do que as situações em si para provocar respostas de stress.

Para Everly (*cit. in* Labrador, 1992), as situações stressantes podem ser de tipo psicossocial ou biogénico. Considera do tipo psicossocial as situações que se convertem em stressantes

devido à interpretação cognitiva ou ao significado que a pessoa lhe atribui. E considera do tipo biogénico as situações que têm a capacidade de produzir alterações bioquímicas ou eléctricas que, por sua vez, desencadeiam automaticamente a resposta de stress, independentemente da interpretação cognitiva que a pessoa possa fazer dessa situação. Ambos os tipos de stressores podem provir tanto de estímulos externos quanto de estímulos internos.

1.2. O STRESSE OCUPACIONAL

Durante os últimos anos, desenvolveu-se um crescente interesse pelo estudo do stress e dos factores psicossociais relacionados com o trabalho, devido a repercussão que estes podem ter sobre a saúde dos trabalhadores. O stress ocupacional não é um fenómeno novo, mas um novo campo de estudo que tem sido enfatizado devido ao aparecimento de doenças que foram vinculadas ao stress no trabalho, tais como a hipertensão, as úlceras gástricas, e outras (Holt, *cit. in* Stacciarini e Tróccoli, 2000).

De acordo com o modelo de Cooper (*cit. in* Hespanhol, 2005), evidenciam-se cinco categorias de causa de stress ocupacional, quanto à sua natureza: intrínsecas ao trabalho, papel na organização, progressão na carreira, afinidades no trabalho e estrutura e clima organizacional.

Para Más *et al.* (1999), os factores causadores de stress podem ser classificados em stressores específicos do posto de trabalho (relacionados com a estrutura e o conteúdo do trabalho e com as condições físicas em que esse mesmo trabalho é desenvolvido), factores organizacionais (referentes ao papel do trabalhador na organização, à estrutura da organização e às relações interpessoais) e factores extraorganizacionais (fundamentalmente em relação com o desenvolvimento da carreira profissional). Não se pode esquecer, ainda, outros factores não laborais (individuais, familiares e sociais) que também podem ser fonte de stress.

1.3. O STRESSE NOS ENFERMEIROS

De há algumas décadas a esta parte, tem havido um sentimento crescente de que a experiência de stress no trabalho tem efeitos indesejáveis, tanto na saúde e segurança dos trabalhadores como na “saúde” e produtividade das organizações. Este sentimento tem-se reflectido não só na opinião pública e nos *media*, mas também tem aumentado a preocupação dos investigadores e das organizações profissionais. Particular preocupação tem sido expressa sobre os efeitos do stress nos profissionais de saúde, e em particular nos enfermeiros (Cox *et al.*, 1996, www.ilo.org).

Duquette e Delmas (*cit. in* Delbrouck, 2006) afirmam que o stress profissional dos enfermeiros se revela importante e que se fala cada vez mais de uma exaustão na profissão, dizendo ainda que inúmeros estudos epidemiológicos europeus e canadianos (Estry-Behar, 1991; Saint-Arnaud, 1992; Landau, 1992; Rotary, 1993; Bedart, 1998; Janssens, 1999) apresentam resultados convergentes, que expressam que, somando todos os serviços, a exaustão profissional atinge cerca de um quarto dos enfermeiros de hospitais gerais.

Para Healy e McKay, bem como para Stacciarini e Trócoli (*cit. in* Batista e Bianchi, 2006) os factores de stress relacionados com a enfermagem e o seu trabalho prendem-se com problemas de comunicação com a equipa, aspectos inerentes à unidade, a assistência prestada,

a interferência do trabalho na vida pessoal e familiar, a actuação do enfermeiro, a carga de trabalho, os conflitos internos e a indefinição do papel profissional.

Ser enfermeiro significa ter como agente de trabalho o Homem, e como sujeito da acção, o próprio Homem. Há uma estreita ligação entre o trabalho e o trabalhador, com a vivência directa e ininterrupta do processo de dor, morte, sofrimento, desespero, incompreensão, irritabilidade e tantos outros sentimentos e reacções desencadeadas pelo processo de doença.

2. METODOLOGIA

Face à problemática atrás descrita, era objectivo deste trabalho conhecer, junto dos enfermeiros, quais as situações do seu quotidiano profissional que mais frequentemente são sentidas como stressantes.

A fim de atingir este desiderato, foram feitos pedidos aos Conselhos de Administração de todas as instituições onde o estudo foi realizado (todos os hospitais sob a alçada da Administração Regional de Saúde do Norte), e a operacionalização do lançamento do instrumento de recolha de dados foi feita através das Direcções de Enfermagem dessas mesmas instituições, que nos apoiaram tanto na entrega como na recepção dos questionários.

Foram assegurados todos os procedimentos atinentes à ética em investigação.

A população do estudo foi constituída pelos enfermeiros que exerciam funções na área da prestação e da gestão de cuidados (enfermeiros, enfermeiros graduados e enfermeiros especialistas) em Serviços de Urgência e Serviços de Internamento dos hospitais já referidos, no período da recolha dos dados (1º semestre de 2008).

Optou-se por uma amostra de tipo não probabilístico acidental, que ficou constituída por 965 enfermeiros. Em cada hospital, foram lançados questionários a cerca de 10% dos respectivos enfermeiros, que cumpriam os critérios acima, pelo que a amostra corresponde a cerca de 10% da população.

O stress ocupacional dos enfermeiros foi avaliado pela aplicação da Escala de Stress Profissional dos Enfermeiros (Santos e Teixeira, 2008)

3. RESULTADOS

Os valores considerados como “média” correspondem à média da soma dos pontos da escala de Likert assinalados pelos questionados para cada item (que se situa entre 1 e 4).

A leitura do quadro nº 1 permite verificar que o factor que mais frequentemente é sentido como stressante é o que está relacionado com “A morte e o morrer” (2,53), seguindo-se as situações relacionadas com a “Carga de trabalho” (2,44) e com a “Incerteza quanto aos tratamentos” (2,37). Segue-se a “Preparação inadequada para lidar com as necessidades emocionais dos doentes e dos seus familiares” (2,20), os “Conflitos com os médicos” (2,17) e os “Conflitos com outros enfermeiros e com os chefes” (2,09). No final, aparecem as situações relacionadas com a “Falta de apoio dos colegas” (1,98).

Quadro 1. Factores da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros	Factor I	Factor II	Factor III	Factor IV	Factor V	Factor VI	Factor VII
Média	2,53	2,17	2,20	1,98	2,09	2,44	2,37

Factor I - A morte e o morrer

Factor II - Conflitos com os médicos

Factor III - Preparação inadequada para lidar com as necessidades emocionais dos doentes e dos seus familiares

Factor IV - Falta de apoio dos colegas

Factor V - Conflitos com outros enfermeiros e com os chefes

Factor VI - Carga de trabalho

Factor VII - Incerteza quanto aos tratamentos

Pela leitura do quadro nº 2, percebe-se que de entre as situações que integram o Factor “A morte e o morrer”, é a situação “ver um doente em sofrimento” a que mais intensamente é sentida como stressante por parte dos enfermeiros. Na verdade, a média obtida neste item é de 2,94, sendo ainda o item ao qual a menor percentagem de questionados respondem “nunca” (2,00%) e aquele no qual é maior a percentagem de enfermeiros que respondem “frequentemente” ou “muito frequentemente” (71,70%). 26,30% dos questionados apenas a sentem como stressante “ocasionalmente”. A situação que a seguir mais intensamente é sentida como stressante é “Sentir-se impotente quando um doente não melhora com os tratamentos”, com uma média de 2,61, em que 3,70% dos enfermeiros respondem “nunca”, 42,50% respondem “ocasionalmente” e 53,80% respondem “frequentemente” ou “muito frequentemente”. Neste Factor, a situação menos intensamente vivida como stressante é a “Ausência do médico quando um doente morre”, com um score médio de 2,31, assinalada com “nunca” por 18,30% dos enfermeiros, com “ocasionalmente” por 43,50%, e como “frequentemente” ou “muito frequentemente” por 38,20% dos questionados. As médias encontradas situam-se entre 2,94 e 2,31.

Quadro 2. Factor I da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor I A morte e o morrer	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 3	45	4,70	468	48,50	378	39,10	74	7,70	2,50
Item 4	36	3,70	410	42,50	411	42,70	107	11,10	2,61
Item 6	133	14,00	447	46,90	251	26,30	122	12,80	2,38
Item 8	74	7,70	472	49,20	279	29,10	134	14,00	2,49
Item 12	93	9,70	414	43,30	302	31,50	148	15,50	2,53
Item 13	175	18,30	415	43,50	258	27,10	106	11,10	2,31
Item 21	19	2,00	254	26,30	453	47,00	238	24,70	2,94

Item 3 - Executar procedimentos que os doentes sentem como dolorosos

Item 4 - Sentir-se impotente quando um doente não melhora com os tratamentos

Item 6 - Conversar com o doente sobre a proximidade da sua morte

Item 8 - A morte de um doente

Item 12 - A morte de um doente com quem se desenvolveu uma relação de proximidade

Item 13 - Ausência do médico quando um doente morre

Item 21 - Ver um doente em sofrimento

A leitura dos dados que são apresentados no quadro nº 3 permite verificar, no que se refere ao Factor II - “Conflitos com os médicos”, que as médias se situam entre 2,09 e 2,32. A situação mais intensamente vivida como stressante pelos enfermeiros (média de 2,32) é o “Desacordo em relação ao tratamento de um doente”. São 5,50% os enfermeiros que referem que “nunca” sentem a situação como stressante, sendo que 33,50% dos questionados a

considera stressante “frequentemente” ou “muito frequentemente” e 61,00% “ocasionalmente”. As situações que implicam “Receio de cometer erros ao tratar um doente” são as que se seguem na intensidade de stresse provocado, apresentando este item uma média de 2,22. 13,50% dos enfermeiros “nunca” a consideram stressante e 27,60% sentem-na como tal “frequentemente” ou “muito frequentemente”. 58,90% dos questionados apenas “ocasionalmente” sente esta situação como stressante. São as situações de “tomada de decisão no que diz respeito ao tratamento de um doente” que são vividas como menos stressantes, conforme resposta de 16,60% dos enfermeiros (que “nunca” a sentem como stressante), sendo que 22,90% a sentem “frequentemente” ou “muito frequentemente” como factor de stresse. “Ocasionalmente” é a resposta dada por 60,50% dos enfermeiros.

Quadro 3. Factor II da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor II Conflitos com os médicos	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 2	197	20,50	531	55,10	168	17,40	67	7,00	2,11
Item 9	173	18,00	529	55,20	203	21,20	54	5,60	2,14
Item 10	130	13,50	567	58,90	190	19,80	75	7,80	2,22
Item 14	53	5,50	587	61,00	279	29,00	43	4,50	2,32
Item 19	160	16,60	582	60,50	195	20,20	26	2,70	2,09

Item 2 - Ser criticado por um médico

Item 9 - Conflito com um médico

Item 10 - Receio de cometer erros ao tratar de um doente

Item 14 - Desacordo em relação ao tratamento de um doente

Item 19 - Tomar uma decisão no que diz respeito ao tratamento do doente

O quadro seguinte, nº 4, permite conhecer os dados obtidos sobre o Factor III - Preparação inadequada para lidar com as necessidades emocionais dos doentes e dos seus familiares. As médias obtidas nos itens que compõem este factor situam-se entre 2,12 e 2,27. Pode ainda verificar-se que “Sentir falta de preparação para apoiar a família do doente nas suas necessidades emocionais” é uma situação “nunca” sentida como stressante por 10,10% dos enfermeiros, mas sentida como tal “frequentemente” ou “muito frequentemente” por 32,6% dos profissionais. As situações de “não ter resposta adequada para uma questão colocada pelo doente” surgem em segundo lugar, sendo 27,10% os enfermeiros que a sentem como stressante “frequentemente” ou “muito frequentemente”, e 10,30% os que “nunca” a sentem como tal. Finalmente, 14,40% dos questionados refere que “nunca” sente como stressante as situações em que sintam “falta de preparação para dar apoio às necessidades emocionais do doente”, sendo 23,80% os que as sentem como stressantes “frequentemente” ou “muito frequentemente”.

Quadro 4. Factor III da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor III Preparação inadequada para lidar com as necessidades emocionais dos doentes e dos seus familiares	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 15	97	10,10	551	57,30	273	28,40	40	4,20	2,27
Item 18	99	10,30	604	62,60	206	21,40	55	5,70	2,23
Item 23	139	14,40	595	61,80	206	21,40	23	2,40	2,12

Item 15 - Sentir falta de preparação para apoiar a família do doente nas suas necessidades emocionais

Item 18 - Não ter resposta adequada para uma questão colocada pelo doente

Item 23 - Sentir falta de preparação para dar apoio às necessidades emocionais do doente

No quadro nº 5 podem ler-se os dados correspondentes às respostas obtidas para os itens que compõem o Factor IV da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros – Falta de apoio dos colegas. As médias obtidas situam-se entre 2,07 e 1,90. As situações referenciadas como mais frequentemente vividas como stressantes (média de 2,07) são a “falta de oportunidade para falar abertamente com outros membros da equipa acerca dos problemas do serviço”, sendo 25,00% os que a sentem como stressante “frequentemente” ou “muito frequentemente”, 52,10% os que a sentem “ocasionalmente” e 22,90% os que “nunca” a sentem como tal. A situação que se segue em grau de importância é a “Falta de oportunidade para partilhar experiências e sentimentos com outros membros da equipa do serviço”, referida por 20,60% dos enfermeiros como “frequentemente” ou “muito frequentemente” sentida como stressantes, por 56,10% como “ocasionalmente” e por 23,30% como “nunca” sentida como stressante. Por último, as situações de “Falta de oportunidade para exprimir, junto de outros membros da equipa, os sentimentos negativos sobre o doente” são referidas por 15,40% dos enfermeiros como “frequentemente” ou “muito frequentemente” sentidas como stressantes, “ocasionalmente” sentidas como stressantes por 57,90% e “nunca” sentidas como stressantes por 26,70% dos questionados.

Quadro 5. Factor IV da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor IV Falta de apoio dos colegas	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 7	220	22,90	499	52,10	196	20,40	44	4,60	2,07
Item 11	224	23,30	541	56,10	178	18,50	20	2,10	1,99
Item 16	257	26,70	556	57,90	137	14,30	11	1,10	1,90

Item 7 - Falta de oportunidade para falar abertamente com outros membros da equipa acerca dos problemas do serviço
 Item 11 - Falta de oportunidade para partilhar experiências e sentimentos com outros membros da equipa do serviço
 Item 16 - Falta de oportunidade para exprimir, junto de outros membros da equipa, os sentimentos negativos sobre o doente

O quadro que se segue (nº 6) apresenta dados referentes ao factor “Conflitos com outros enfermeiros e com os chefes”, o Factor V da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros. As médias obtidas nos itens deste factor situam-se entre 1,77 e 2,35. O item com maior média é o que se refere às situações de conflito com um superior hierárquico. Em relação a este tipo de situação, são 38,60% os enfermeiros que dizem que “frequentemente” ou “muito frequentemente” sentem estas situações como stressantes. Para 44,60% dos questionados, elas são sentidas como stressantes “ocasionalmente”. E 16,80% dos enfermeiros “nunca” as sentem como stressantes. As situações que são referidas em segundo lugar são as que se prendem com a recepção de críticas de um superior hierárquico (média de 2,26). São 30,30% os enfermeiros que referem estas situações como “frequentemente” ou “muito frequentemente” stressantes, 57,30% os que a sentem como “ocasionalmente” stressante, e 12,40% os que “nunca” as sentem como stressantes. Em último lugar dentro deste factor aparece o item relacionado com “Dificuldade em trabalhar com um Enfermeiro (ou Enfermeiros) em particular, de outro serviço”, sendo que são 36,00% os enfermeiros que referem que estas situações “nunca” são sentidas como stressantes. 46,50% sentem-nas “ocasionalmente” como stressantes, e 17,50% “sentem-nas” “muito frequentemente” ou “frequentemente” como tal.

Quadro 6. Factor V da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor V Conflitos com outros enfermeiros e com os chefes	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 5	161	16,80	428	44,60	247	25,80	123	12,80	2,35
Item 20	291	30,50	326	34,10	195	20,40	143	15,00	2,20
Item 22	386	40,30	424	44,30	128	13,40	19	2,00	1,77
Item 24	120	12,40	552	57,30	212	22,00	80	8,30	2,26
Item 29	364	36,00	446	46,50	124	12,90	44	4,60	1,86

Item 5 - Conflito com um superior hierárquico

Item 20 - Ser mobilizado para outro serviço para suprir falta de pessoal

Item 22 - Dificuldade em trabalhar com um Enfermeiro (ou Enfermeiros) em particular, de outro serviço

Item 24 - Receber críticas de um superior hierárquico

Item 29 - Dificuldade em trabalhar com um Enfermeiro (ou Enfermeiros) em particular, do mesmo serviço

Os dados referentes ao factor VI da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros – Carga de trabalho – podem ser lidos no quadro nº 7. Neste, é então possível verificar que o item que obteve a média mais alta é o item “falta de tempo para executar todas as actividades de enfermagem” (2,65), situação a propósito da qual 520 enfermeiros (53,90%) referem senti-la como stressante “frequentemente” ou “muito frequentemente”. São 49 (5,10%) os que “nunca” a sentem como stressante. O item que aparece imediatamente a seguir (“falta de tempo para dar apoio emocional aos doentes”) obteve uma média de 2,61, sendo que 516 (53,60%) dos questionados o sentem como stressante “frequentemente” ou “muito frequentemente”. 62 enfermeiros (6,40%) “nunca” o sentem como stressante. A situação do quotidiano profissional que obteve a menor média foi o item “avaria informática” (2,12). Foram 226 (23,40%) os enfermeiros que referiram sentir esta situação como “frequentemente” ou “muito frequentemente” stressante.

Quadro 7. Factor VI da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor VI Carga de trabalho	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 1	135	14,00	603	62,60	201	20,80	25	2,60	2,12
Item 25	169	17,60	504	52,40	214	22,20	75	7,80	2,20
Item 27	112	11,70	388	40,40	327	34,00	134	13,90	2,50
Item 28	62	6,40	385	40,00	384	39,90	132	13,70	2,61
Item 30	49	5,10	396	41,00	368	38,10	152	15,80	2,65
Item 34	65	6,70	409	42,50	352	36,60	137	14,20	2,58

Item 1 - Avaria informática

Item 25 - Alterações inesperadas no horário e no plano de trabalho

Item 27 - Demasiadas tarefas fora do estrito âmbito profissional, tal como trabalho administrativo

Item 28 - Falta de tempo para dar apoio emocional ao doente

Item 30 - Falta de tempo para executar todas as actividades de enfermagem

Item 34 - Falta de pessoal para cobrir de forma adequada as necessidades do serviço

Finalmente, o factor VII da Escala, relacionado com a “incerteza quanto aos tratamentos” (quadro nº 8). Verifica-se que a situação mais frequentemente sentida como stressante é a “ausência de um médico durante uma situação de emergência médica” (média de 2,70). São 534 (55,50%) os enfermeiros que sentem esta situação como “muito frequentemente” ou “frequentemente” stressante, havendo 83 (8,60%) que “nunca” a sentem como tal. Segue-se por ordem decrescente de média obtida (2,43) o item relativo às situações em que há

“informação inadequada fornecida pelo médico em relação à situação clínica do doente”, a propósito das quais 419 enfermeiros da amostra (43,30%) referem sentir stress “frequentemente” ou “muito frequentemente”. 80 dos questionados (8,30%) “nunca” sentem esta situação como stressante. Com a média mais baixa deste factor surgem as situações representadas pelo item “Dúvidas em relação ao funcionamento de determinado equipamento especializado” (2,16), sendo que em relação a esta situação do quotidiano profissional são 229 (23,70%) os que a sentem stressante com periodicidade “frequente” ou “muito frequente” e 114 (11,80%) os que “nunca” a sentem como tal.

Quadro 8. Factor VII da Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros

Itens componentes do Factor VII Incerteza quanto aos tratamentos	Nunca		Ocasionalmente		Frequentemente		Muito frequentemente		Média do item
	F	%	F	%	F	%	F	%	
Item 17	80	8,30	465	48,20	342	35,30	77	8,00	2,43
Item 26	86	8,90	512	53,10	294	30,50	73	7,60	2,37
Item 31	83	8,60	346	35,90	309	32,10	225	23,40	2,70
Item 32	116	12,00	570	59,10	230	23,90	48	5,00	2,22
Item 33	114	11,80	622	64,50	189	19,60	40	4,10	2,16

Item 17 - Informação inadequada fornecida pelo médico em relação à situação clínica do doente

Item 26 - Prescrições médicas aparentemente inapropriadas para o tratamento de um doente

Item 31 - Ausência de um médico durante uma situação de emergência médica

Item 32 - Não saber o que deve ser dito ao doente e à sua família acerca do seu estado e do tratamento

Item 33 - Dúvidas em relação ao funcionamento de determinado equipamento especializado

4. DISCUSSÃO

Com os resultados obtidos é possível concluir que lidar com a morte continua a ser para os enfermeiros, da mesma maneira que o é para a maioria das pessoas, um momento de permanente dificuldade, ficando então a sensação de que a preparação profissional não consegue colmatar essa falha da educação familiar e social. Ao colocarem no topo da lista das situações mais frequentemente stressantes o lidar com o sofrimento e com a morte, os enfermeiros revelam dificuldade na mobilização de mecanismos de coping para esta área específica da sua vivência profissional.

Por outro lado, os enfermeiros sentem cada vez mais a pressão do tempo, a pressão dos resultados, e a falta de recursos em que vivem profissionalmente. Assim, a carga de trabalho, e de modo particular a sensação de que o tempo não é suficiente para a prestação de cuidados de qualidade, é algo que os stressa.

De igual modo, têm dificuldade em lidar com a “frustração” de não serem “deuses” e de se sentirem impotentes quando um doente não melhora com os tratamentos.

Também o contacto com a família dos doentes reveste-se de dificuldades. Por isso, lidar com as necessidades emocionais quer dos doentes quer dos seus familiares não é tarefa fácil, e é frequentemente sentida como stressante.

Por outro lado, as equipas multidisciplinares são algo que, na prática, está longe de se verificar. Os diferentes profissionais trabalham num mesmo espaço mas não numa mesma equipa, o que leva a que os conflitos entre grupos profissionais (de modo particular com

os médicos) sejam um factor considerado stressante. Os enfermeiros têm hoje um saber teórico que lhes dá capacidade de análise e juízo das situações, o que por vezes leva a desacordos em relação aos tratamentos instituídos.

Dentro da equipa de enfermagem, as relações profissionais parecem apesar de tudo mais facilitadas. Assim sendo, os factores ligados ao apoio entre colegas e à relação com a hierarquia são menos valorizados no que concerne ao stress vivido no exercício profissional pelos enfermeiros.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, K. E BIANCHI, E. (2006). Estresse do enfermeiro em unidade de emergência. *In: Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(4), pp. 534-539.

COX, T. ET AL. (1996). Work-related stress in nursing: Controlling the risk to health. [Em linha]. Disponível em <http://www.ilo.org/public/english/protection/condtrav/pdf/wc-cgd-96.pdf>. [Consultado em 13/10/2006].

DELBROUCK, M. (2006). *Síndrome de Exaustão (Burnout)*. Lisboa, Climepsi Editores.

HESPAHOL, A. (2005). Burnout e Stress Ocupacional. *In: Revista Portuguesa de Psicossomática*, 7(1/2), pp. 153-162.

LABRADOR, F. J.: (1992). *Stresse*. Madrid, Ediciones Temas de Hoy, S. A.

LEKA, GRIFFITHS E COX (2003). *Work organization and Stress: systematic problem approaches for employers, managers and trade union representatives*. [Em linha]. Disponível em http://www.who.int/occupational_health/publications/en/oehestress.pdf. [Consultado em 21/06/2009].

MÁS, R. ET AL (1999). Estresores laborales percibidos por el personal de enfermería hospitalario: um estudio cualitativo. *In: Archivos de Prevención de Riesgos Laborales*, 2(4), pp. 159-167.

SANTOS, J. M. O. E TEIXEIRA, Z. M. (2008). The Nursing Stress Scale: desenvolvimento da versão portuguesa da escala. *In: Revista Investigação em Enfermagem*, nº 18 (Ago), pp. 29-40

STACCIARINI, J. E TRÓCOLI, B. (2000). Instrumento para mensurar o estresse ocupacional: inventário de estresse em Enfermeiros (IEE). *In: Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 8(6), pp. 40-49.